Faqueiro D. José em Prata
Com Estojo / Barretina

100º Leilão

Antiguidades e Obras de Arte

27 de Outubro de 2008

Lote 237

No próximo dia 27 de Outubro de 2008, vai a Cabral Moncada Leilões realizar o seu 100º Leilão. Esta data não poderia deixar de sensibilizar todos aqueles que, ao longo de vários anos (quase desde o inicio no caso da Sofia Ruival e à 4 anos para o Henrique), têm contribuído com o seu esforço e dedicação para um projecto que é de todos.

Sendo já na ordem dos muitos milhares as pratas e jóias colocadas a leilão, muitos outros milhares foram vistos e avaliados sem terem vindo a público. Também é de realçar que muito do trabalho de investigação passa quase despercebido na catalogação final. Por uma série de questões de ordem prática, a legendagem das peças tem que ser quase "minimalista", se comparada com as muitas horas que certas peças requerem para que lhes seja dado o veredicto e garantia finais.

Acontece que para os futuros investigadores, catalogadores, etc, bem como para um núcleo actual de pessoas, reduzido mas muito importante, é de todo o interesse facultar todo o trabalho de investigação por nós realizado. O ideal seria fazê-lo em tempo útil, antes da realização do leilão em questão, ficando este trabalho como um suporte adicional aos respectivos catálogos.

Conscientes que, na maioria dos casos, tal não será possível, optaremos pela *boa* solução em detrimento da *óptima*…!

Foi com este objectivo que escolhemos este estojo de faqueiro, ilustrado e descrito na obra de Gançalo de Vasconcelos e Sousa "Artes da Mesa em Portugal, editado em 2005.

Tendo sido só classificado o estojo, pareceu-nos importante referirmo-nos com maior pormenor ao respectivo faqueiro, todo do mesmo modelo mas com marcas de ensaiador que vão de Évora a Braga e mais de vinte marcas de ourives diferentes. Já o nosso querido e estimado amigo Dr. Carlos Franco nos tinha alertado, sustentado num trabalho gigantesco de inventariação que tem vindo a desenvolver ao longo de vários anos, para o facto de que os faqueiros do século XVIII executados por um só Mestre Ourives serem a excepção, sendo a regra a sua execução por variados ourives da prata e em centros de fabrico muito distintos, como o actual "faqueiro" comprova.

237
Caixa de faqueiro/barretina,
D. José.
madeira revestida a pele de peixe.
interior revestido a veludo bordeaux e galões dourados.
ferragens e puxadores em metal amarelo.
Faqueiro para doze pessoas em prata
composto por concha de sopa, colher vazada, colheres de sopa,
talheres de resto e colheres de chá.
marcas de ensaiadores e de ourives diversas.
portuguesa, séc. XVIII.
tem duas facas a mais, restauro,
faltas e pequenos defeitos
Nota: *esta peça vem reproduzida, sem faqueiro, em Gonçalo de Vasconcelos e Sousa in "As Artes da Mesa em Portugal do século XVIII ao século XXI", Porto, 2002, p. 28, fig. 19.*
Dim. - 39 x 35 x 22 cm
Peso - 3.197 grs.
€5.000 - 7.500

Definindo já um modelo periférico revelador de um rococó tardio na representação heráldica, mas neoclássico nos perlados e na estrutura, há a referir um conjunto de talheres, possivelmente de Guimarães, e que pertenceu à Casa do Santo, em Fafe[79].
À medida que se aproxima o final da centúria, os objectos simplificam-se, com o avanço do neoclássico, instituindo-se alguns modelos ornamentais novos, de que se destaca o de perlados, designado comummente por contas, na alusão decorativa de que se reveste. Novas tipologias funcionais desenvolvem-se ainda: as colheres de chá, em sintonia com as restantes peças do faqueiro, as pinças para cubos de açúcar, com as hastes mais ou menos ornamentadas, acompanhando as distintas vertentes ornamentais do neoclássico, e as esguias colheres de tutano, para acompanhar este prato de culinária, também em voga em Portugal; para além das pás para peixe, como as de Firmo da Costa de colecções particulares de Lisboa, com trabalhos muito interessantes em vazado, seja com a figura de um peixe, seja em motivos fitomórficos e geométricos estilizados[80].
Tipologia relacionada com a arrumação dos talheres e com evidente efeito decorativo, revelavam-se os estojos de faqueiro, que se desenvolveram em Portugal essencialmente a partir de meados do século XVIII. Geralmente em madeira (por vezes com espelhos e outras ferragens em prata[81], bronze ou latão), pele de cação ou couro com gravados, eram forrados a veludo, em geral de tonalidade carmesim, e possuíam galão dourado a marcar os espaços ou a delimitar superfícies, podendo observar-se ornatos em locais estratégicos. Em casos mais raros, poderiam receber pinturas (vd. fig. 19) ou conciliar a pele de cação (ou lixa, como eram também conhecidos[82]) com a madeira (vd. fig. 20). Tiveram uma larga

19. Estojo de faqueiro em madeira forrada a lixa, com pés em madeira e ferragens em metal. Último quartel do séc. XVIII; 39x35x21 cm; Colecção do Dr. Alexandre Rodrigues, Porto. *O interior desta peça é revestido a veludo carmesim com aplicações de galão dourado, possuindo reentrâncias para 12 colheres de chá, 1 concha de açúcar, 12 garfos, 12 colheres, 12 facas, garfo e faca de trinchar e concha da sopa.*

▻ **20.** Estojo de faqueiro em madeira com pinturas de *chinoiseries* a dourado. 2.ª metade do século XVIII. 33x24x17 cm. Colecção particular.

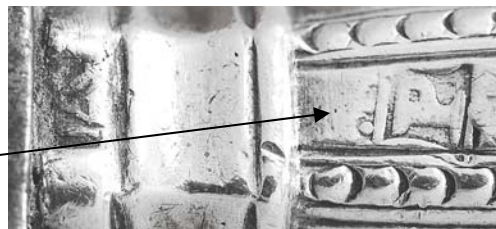
divulgação até à primeira metade do século XIX, conhecendo-se igualmente numerosos estojos de pequenas dimensões, destinados a colheres para o chá. Existem exemplares com uma assinalável complexidade a nível das divisórias internas, comportando a totalidade do faqueiro. Por vezes, realizavam-se projectos para peças de grande qualidade, como sucedeu com o exemplar neoclássico desenhado pelo conhecido arquitecto e desenhador portuense José Francisco de Paiva, corria o ano de 1792. O encomendante era Francisco de Almada e Mendonça e destinava-se possivelmente ao uso particular do governante ou, como sugere Maria Helena Mendes Pinto, ao Governo das Armas da Cidade do Porto[83].

A concha de sopa apresenta a marca do ensaiador José Coelho Sampaio P-15 variante B, datável de 1784 a 1790. A marca de ourives é a P-425 atribuível a Luís António Teixeira Coelho. De notar que existe um outro Luís António Coelho, também ourives da prata da Cidade do Porto, que foi contemporâneo deste mas cujas marcas são a P-423 e P-424, tendo o presente utilizado também a marca P-422.
Com base nos livros de eleições dos ourives da prata, conservados na biblioteca da *AIORN* no Porto, não restam quaisquer dúvidas quanto ao facto de se tratarem de dois ourives distintos, com a nota curiosa de que geralmente votavam em pessoas diferentes para os cargos da Confraria…!

Facas de carne

As facas apresentam marcas de ensaiador e ourives de Guimarães e do Porto. Com respeito a Guimarães, são elas a G-17 datável de 1820 a 1824 e o G-34 variante A ***DF*** de ourives não identificado. Sendo as lâminas de origem, curioso seria ama investigação baseada nas marcas que apresentam.

As diferenças entre o desenho do G-17 e as fotos por nós tiradas, levantam a questão de que se tratará da mesma marca ou haverão variantes?

As facas com marca do Porto apresentam as mesmas marcas da concha de sopa, marca do ensaiador José Coelho Sampaio P-15 variante B, datável de 1784 a 1790 e marca de ourives P-425 atribuível a Luís António Teixeira Coelho.

Colheres de sopa

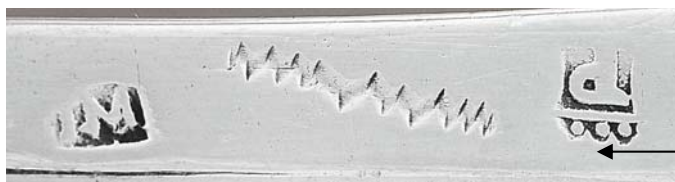
Nas colheres de sopa vamos encontar marcas de centros de produção que vão de Beja a Braga, o que sem dúvida, tratando-se do mesmo modelo de colher, nos coloca perante um cenário de comercialização que não julgávamos sre tão frequente no século XVIII

BJ-2 Marca de ensaiador de Beja da 1ª metade do século XVIII, estando as 3 colheres desprovidas de marca de ourives.

Marca do ourives do Porto ***CMV*** Custódio Martins Vilaça P-225, junto com o P-17 variante D do ensaiador José Coelho Sampaio

Marca de ensaiador de Braga de finais do século XVIII B-6 e ourives B-15 ***ADV*** não identificado.

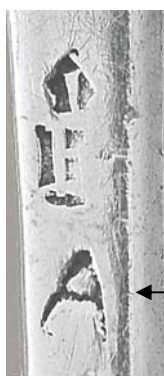
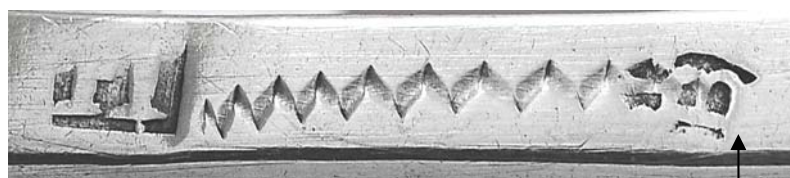
Garfos de carne

Marca do ourives da prata de Braga ***AIC*** António José Coelho B-21 da 2ª metade do século XVIII, juntamente com a marca de ensaiador B-6 e marca de posse ainda não vista noutras peças.

Marca de ourives do Porto ***IM*** P-340, podendo ser de José Soares de Melo, junto com o P-15 do ensaiador José Coelho Sampaio 1784-1790.

Marca de ourives de Évora ***RMC*** E-41 de finais do século XVIII com marca de ensaiador E-7.

Marca de ourives de Évora ***MI*** Manuel José Ribeiro e ensaiador E-7 de finais do século XVIII.

Marca de ourives desconhecido, com marca do ensaiador de Évora Francisco Xavier Calado E-6.

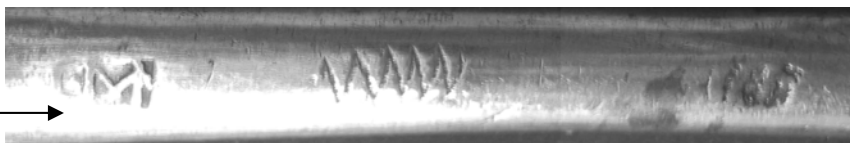
Colheres de chá

Marca incisa ***A*** não identificado e marca de ensaiador de Braga Francisco José da Silva B-7.

Marca de ourives de Braga ***FI*** Francisco José da Fonseca B-33, com marca do ensaiador Francisco José da Silva B-7.

Marca do ourives do Porto ***AIM*** e ensaiador-substituto Pedro Ferreira Santos P-14 1770-1783.

Marca de ourives do Porto António José Pereira Tavares ***APT*** P-179 e ensaiador José Coelho Sampaio P-17 1804-1810.

Marca do ourives de Lisboa Tomás José Cardoso ***T/IC*** L-501 com P-13/16 sobre L-31.

Marca de ourives do Porto ***DMV*** Domingos Martins Vilaça e marca do ensaiador José Coelho Sampaio P-16 1790-1804.

Marca de ourives de Guimarães ***I.M*** G-48 e marca de ensaiador G-10.

Concha coador com marca de ourives ***JM*** João Pereira de Magalhães P-348 variante A e marca de ensaiador Caetano Rodrigues de Araújo (1853-1861) P-46.

Lisboa, 20 de Outubro de 2008

Henrique Correia Braga

Sofia de Ruival Quintas